

# Adaptação de crianças na educação infantil

Elisandra Pereira dos Santos<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo trata da questão da adaptação de crianças em uma instituição escolar da rede privada do município de Osório. É um processo de mudança e renovação na vida da criança, dos pais, familiares e professor. A criança pode apresentar inúmeros sentimentos como tristeza e insegurança entre outros. Tudo depende da recepção e planejamento da professora titular. Sendo assim se fez um estudo teorizado do assunto, usando como método a pesquisa qualitativa, com base em diário de campo e questionário realizado com as professoras.

**Palavras-chave:** adaptação escolar - educação infantil - mudança na vida da criança.

**Abstract:** This paper spears about the children's adaptation to a private school in Osório City. It is a process of change and renovation in the children's of life. This parents relatives and teachers. The child can present several feelings as sadness and insecurity among others. All depends ond the titular teacher's receptiveness and planning. Based on this situation it was done some theoretical study about this subject, using as method the qualitative research through notes and interviews done with teachers.

**Keywords:** school adaptation - infantil educacion - changes of children's life.

## Introdução

Muitos autores nos falam sobre o processo de adaptação de criança, como este processo é doloroso tanto para os pais quanto para a criança e a professora. Ao longo da história da Educação Infantil, o processo de adaptação era encarado pelos profissionais como sendo um período de tempo e espaço onde os profissionais tinham como seu grande objetivo fazer a criança parar de chorar. Como afirma Balaban (1988, p. 25), *a separação é uma experiência que ocorre em todas as fases da vida humana.*

A separação afeta as crianças. Afeta os pais. Faz brotar sentimentos nos professores. O início da vida escolar pode ser uma ocasião excitante ou também uma ocasião agradável. Junto com aqueles que realmente estão encantados por estarem iniciando sua vida escolar, existem frequentemente outras crianças chorando ou pais tensos e nervosos. (BALABAN, 1988, p. 24)

Procurando respeitar os direitos das crianças em primeiro lugar, os pais têm que escolher a escola que seja o mais parecido com o estilo da criança, sendo assim um local agradável e que seus educadores gostem e sejam atenciosos com as crianças.

---

<sup>1</sup>Graduada em Pedagogia pela FACOS/CNEC. Artigo desenvolvido pela acadêmica na disciplina de Seminário de Conclusão sob a orientação da professora Liège Westermann.

Destaca-se que os pais são, sem dúvida, as pessoas mais importantes nas vidas de seus filhos, um fato que escolas e creches vieram reconhecer lentamente. Assim como os pais, os educadores são muito importantes nesse momento tão difícil de separação dos pais e família.

Sendo assim, este artigo se justifica pela grande importância do processo de adaptação de crianças na Educação Infantil, tendo como objetivo: Identificar as possíveis razões do choro da criança nesse período de adaptação, descrever como o professor lida com essa situação, analisar de que maneira a criança observada se integra, ou não, à escola infantil e observar e registrar que estratégias pedagógicas são utilizadas pela professora para adaptar a criança investigada.

Para realizar esta pesquisa segui a concepção da metodologia qualitativa, sendo que a coleta de dados foi registrada através de um diário de campo e da realização de uma entrevista semi-estruturada com as professoras titulares de cada turma. O diário foi construído com sessões de observação das três turmas: Berçário I, Berçário II e Maternal I, no período de uma semana com duração de uma hora (período de adaptação adotado pela escola). A pesquisa qualitativa faz jus à complexidade da realidade, curvando-se diante dela, não o contrário, como ocorre com a ditadura do método ou a demissão teórica que imagina dados evidentes.

### **O processo de adaptação**

O período de adaptação de uma criança em um novo ambiente é sempre muito complicado, seja na escola ou qualquer outro lugar, a criança vai ter que se adaptar ao ambiente e à pessoa que ficará com ela. Quando se trata de uma instituição de educação infantil, os professores têm que estarem muito bem preparados para receber essa criança, esse profissional terá que fazer atividades especiais e diferenciadas com essa criança, para que ela se sinta segura e tranquila neste novo ambiente. Para uma adaptação mais tranquila é recomendável que os pais tragam as crianças para visitar a escola antes do período de adaptação, a fim de mostrar para a criança o novo ambiente e começar o seu processo de familiarização com as professoras e seus futuros colegas.

Para alguns autores, como Vitória e Rossetti-Ferreira (1993), a adaptação tem início nos contatos iniciais da família com a escola, pois as primeiras impressões influenciam a forma como estes pais se relacionarão com o novo ambiente. Neste primeiro contato dos pais com a escola, eles têm que estar seguros do que querem e a escola passar segurança para eles, também, um momento muito difícil tanto para os pais quanto para as crianças. O ambiente, as novas rotinas, as pessoas não familiares, as separações diárias e a ausência da mãe colocam às crianças uma significativa exigência social e emocional.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998)

[...] entre o bebê e as pessoas que cuidam, interagem e brincam com eles se estabelece uma forte relação afetiva (a qual envolve sentimentos complexos e contraditórios como amor, carinho, encantamento, frustração, raiva, culpa etc.). Essas pessoas não apenas cuidam da criança, mas também medeiam seus contatos com o mundo, atuando com ela, organizando e interpretando para ela esse mundo. É nessas intenções, em que ela é significada/interpretada como menino/menina, como chorão ou tranquilo, como inteligente ou não, que se constroem suas características. As pessoas com quem construíram vínculos afetivos estáveis são seus mediadores principais, sinalizando e criando condições para que as crianças adotem condutas, valores, atitudes e hábitos necessários à inserção naquele grupo ou cultura específica. A adaptação é difícil não só para a criança, mas também para a família e a professora, pois implica reorganizações e transformações para todos. A forma como esse processo é vivenciado pelas pessoas envolvidas influencia e é influenciada pelas razões da criança. Desse modo, é altamente desejável que, no período de adaptação, a mãe, o pai ou outro familiar fique junto da criança para auxiliar na exploração desse ambiente estranho e no estabelecimento de novos relacionamentos com outras professoras e outras crianças.

Conforme Rapaport (2005) e outros autores sugerem que a mãe ou o pai permaneçam dentro da sala nos primeiros dias, mas assim que possível se retirem para um local próximo à sala de aula e visível a criança. Aos poucos, irão se afastando até que sua permanência não seja mais necessária. Outra sugestão é que nunca devem sair escondidos, sem se despedir, pois isto poderá gerar uma quebra de confiança na criança.

Este é o método utilizado na escola na qual foram feitas as observações registradas em diário de campo, percebendo-se que as professoras são bastante carinhosas com as crianças e com os pais passando-lhes tranquilidade e segurança.

Nos primeiros dias de adaptação da criança com o ambiente escolar, os horários devem ser reduzidos e com atividades diferenciadas, e a professora titular exclusiva para essa criança, conforme observações na escola, o período de adaptação é de uma hora durante uma semana, onde no terceiro dia de adaptação a professora pede que a pessoa que esteja fazendo a adaptação se retire da sala para ver o comportamento da criança perante a ausência da mãe ou responsável que esteja com ela. Quando a criança tem uma ligação intensa com a figura materna, e é colocada na escola, sua reação se manifesta por um protesto violento, exigindo a presença da mãe e recusando o cuidado da professora. Em algumas crianças mais que em outras, esse estado se mantém dolorosamente por muitos dias, até que aparentemente, a criança desiste de recuperar a mãe, entrando numa fase nova ou uma falsa adaptação.

A adaptação observada do berçário II é com um menino de um ano e cinco meses. Sua adaptação ocorre de uma maneira tranquila no início, e depois, no final, fica um pouco tumultuada, mas no final dos cinco dias o menino já está bem melhor, onde consegue ficar sozinho com a professora. Nos três primeiros dias de adaptação, o menino chega bem feliz e tranquilo na escola, entra na sala brinca com brinquedos e até consegue ficar sozinho na sala, em companhia da professora e outros colegas. Já nos dois últimos dias, o menino não quer ficar na sala e chora constantemente, a mãe, também insegura, não deixa o menino e não deixa espaço para que a professora possa se aproximar do aluno, sendo assim ocorre uma falsa adaptação onde no início parecia ser uma 'boa adaptação'.

Durante os dias de adaptação pode-se perceber que é uma criança bastante independente e que tem uma relação muito tranquila com a mãe. Já a mãe, mostrou-se bastante ansiosa.

A professora também percebeu isso e conversa com a mãe. Realmente ela diz estar bem ansiosa pelo fato de até o momento nunca ter se separado do menino por tanto tempo e deixando com pessoas "estranhas" que não são de seu convívio diário. A professora pede que a mãe converse com a pedagoga da escola para ter um suporte maior nessa nova etapa de sua vida, dela e seu filho.

Para não aumentar a dificuldade de adaptação da criança, é sugerido pela escola que seja sempre a mesma professora a fazer a adaptação. Sempre existe alguém com quem a criança estabelece maior afinidade, então é interessante que seja sempre a mesma professora a cuidar da criança. Conforme Aranha (2002) dentro dessa relação é muito importante não criar dependências. A criança tende a se sentir única para a professora, assim como a professora é única para ela. Isto gera sofrimento para a criança, que chora cada vez que a professora se afasta; e orgulho para a professora, que se sente insubstituível.

Como se sabe, a chupeta supre a necessidade de sucção da criança no primeiro ano de vida. Entendendo isso como natural, ela pode e deve ser oferecida à criança, mas somente quando esta solicitar para que não se torne um vício. Constatou-se que em algumas vezes a professora usa a chupeta para resolver a questão da criança impertinente. É mais trabalhoso, mas também mais eficiente, procurar o motivo do choro, que nesse momento é bastante presente. Observou-se que o choro é comum durante este período, tanto na chegada, quando a criança é deixada na escola pelos pais, como na saída, quando os pais retornam para buscá-la. O choro transmite o que os pequenos não sabem dizer. É preciso aprender a identificar a mensagem. Outro dado é o de que existem manifestações, como gritos, reações de mau humor, bater nas pessoas, deitar-se no chão, reações de passividade, de apatia, de resistência à alimentação ou ao sono, e comportamentos agressivos. A ocorrência de doenças também é bastante frequente. O bebê pode só matizar seus sentimentos em relação à separação, apresentando sintomas físicos, como febre, vômitos, diarreia, bronquite, alergias, etc. Esses sintomas devem alertar para possíveis problemas de adaptação, mesmo que o bebê não chore na escola. É possível, segundo Rizzo (2000), que *o grande investimento emocional do bebê durante a adaptação o torne menos resistente a infecção.*

No terceiro dia de adaptação da menina do berçário I a professora solicitou que a mãe deixasse a menina na sala sozinha; Assim ela fez; já estavam separados os brinquedos de sua preferência. No início, percebendo a ausência da mãe, a criança chora. Foi necessário permanecer no colo da professora, enquanto olhava a

pracinha pela janela. Depois foi colocada uma – Sapo Cururu - que agrada muito todas as crianças. Ela junto à professora brinca com os colegas. Assim que voltou a chorar intensamente, a professora chamou a mãe novamente para a sala. Faltavam uns 10 minutos para o final da adaptação. Neste dia a menina não quis comer nada. Como no terceiro dia a menina continuou rejeitando a alimentação, neste quarto dia de adaptação a menina trouxe consigo um boneco de pano que ela usa para adormecer, este seria um objeto de referência da menina.

Esta criança é muito tranquila e a única reação recorrente ao período de adaptação foi a não alimentação que a menina recusou nos primeiros dias, mas no último ela já tomou suco de gelatina. O choro somente aconteceu quando a menina ficou pela primeira vez sozinha na sala com a professora e os colegas.

Concordo com Cuberes (1997) quando aponta que:

O desmame afetivo não deve ser brutal e a grande vantagem dos Jardins de Infância e das Escolas Maternais está em que fazem uma transição lenta entre o meio familiar e meio escolar. (p. 18)

O choro é constante em todas as fases, pois através do choro conseguem manipular o responsável que está fazendo sua adaptação, também algumas vezes forçam vômitos, e recusam-se a alimentar-se, percebem que assim vão ter por perto aquela pessoa que não querem se separar.

A estimulação de crianças em atividades grupais gera clima de alegria que incita a curiosidade e finalmente a aproximação natural da criança com o grupo.

À medida que o bebê se adapta ao ambiente da creche, ele tende a apresentar melhor desenvolvimento em termos de sua oralidade, passa interagir melhor com os outros bebês, a tornar-se mais ativo fisicamente, menos agressivo e a relacionar-se melhor com os adultos da escola. ( OLIVEIRA,2001, p.12).

Para uma boa adaptação também deve se levar em conta a ação pedagógica das professoras, pois pode ser considerada um dos fatores mais relevantes em termos de adaptação dos bebês e crianças à escola. A qualidade dos cuidados depende em grande parte da habilidade das profissionais prestarem atenção em cada criança e levarem em conta as reações individuais de cada uma.

Ao reler as entrevistas com as professoras da escola observada, pude perceber que quando um aluno não consegue se adaptar á escola no período de adaptação às professoras recorrem a ajuda pedagógica, com a pedagoga da escola que lhes dá o suporte necessário para lidar com a situação decorrente.

Trabalhar com crianças pequenas e bebês é difícil e complexo, é necessário, para isso, muito mais do que simplesmente gostar de criança. Significa ficar durante uma jornada inteira de trabalho (que varia, em média, de seis a doze horas praticamente consecutiva), cuidando de bebês, tanto nos termos de suas necessidades básicas, como desenvolvendo propostas pedagógicas. Além disso, é preciso ter paciência para situações corriqueiras que acontecem com os pequenos como: o choro, a briga e outras reações, estabelecendo limites e demonstrando carinho e atenção.

Ao analisar o diário de campo, percebi que a criança que mais fácil interagiu com os colegas e a professora foi a menina do BI que chorou poucas vezes e logo conseguiu ficar sozinha na sala, sem um 'sofrimento' maior e acabou ficando um pouco dependente da professora, sendo a mesma sua referência em sala. A menina do MI também ficou bem, em alguns momentos, chorava pelo fato da mãe se fazer presente, não dando autonomia para a menina, por a mesma ter uma relação bastante constante com a mãe. O menino foi o mais complicado, pois seus dias de adaptação foram mais tumultuados, principalmente os últimos dias, a mãe também se mostrou insegura, não deixando o menino nesse momento mais sozinho para se inteirar desse novo ambiente social. Constata-se que as três crianças ainda não haviam frequentado escola antes, ficavam no aconchego de seus lares, com todo carinho das mães, evidenciando o laço afetivo ser bastante forte.

De acordo com diferentes autores pode-se perceber que o processo de adaptação de uma criança ao ambiente escolar é bastante 'doloroso' não só para a criança, mas também para seus pais (principalmente para a mãe), que terá que deixar seu filho na companhia de pessoas 'estranhas'. Observando o diário de campo realizado pode-se perceber que as crianças observadas tiveram uma adaptação tranquila, sem maiores 'sofrimentos', pois não apresentaram sintomas físicos como: vômitos, diarreia, febre entre outros, somente um chorinho, que com um pouco de carinho e atenção da professora foi controlado.

## A postura das educadoras

De acordo com Rapoport (2005, p. 19):

A ação pedagógica das educadoras pode ser considerada um dos fatores mais relevantes em termos da adaptação dos bebês à creche. A qualidade dos cuidados depende em grande parte da habilidade de as profissionais prestarem atenção em cada um e levarem em conta as reações individuais dos bebês. Muitas vezes, entretanto, os baixos salários, inexperiência das educadoras, sua precária formação, acrescida à freqüente troca de pessoal nas creches, são fatores que interferem na melhoria do trabalho com os bebês.

Trabalhar com crianças pequenas principalmente com crianças menores de três anos é difícil e complexo, é necessário para isso muito mais que gostar do que simplesmente gostar de criança. Significa ficar uma jornada inteira de trabalho (muitas vezes variam de em média de seis a doze horas) cuidando de crianças, tanto em termos de suas necessidades básicas, e desenvolvendo propostas pedagógicas. Além disso, é preciso paciência para situações corriqueiras que ocorrem com bebês e crianças pequenas, como o choro, a briga e outras reações, estabelecendo limites e demonstrando atenção e carinho.

Na escola a qual foi realizada a observação das professoras titulares nota-se que são bastante experientes, têm um bom tempo de escola e sala de aula e estão bem acostumadas a realização desse processo, pois sabem o que fazer em caso de uma adaptação ultrapassar o tempo estimado. Se fato ocorre às professoras recorrem a pedagoga da escola que então inicia um trabalho com os pais, para entender porque motivo a crianças não conseguiu adaptar-se ao convívio escolar. Algumas vezes as crianças manipulam os pais com o choro e eles acabam cedendo, levando-as embora. Este comportamento é trabalhado com os pais, principalmente com a mãe, que geralmente é quem faz a adaptação. A mãe não pode deixar transparecer a sua insegurança para a criança.

As professoras sempre muito carinhosas tentam mostrar aos pequenos que aquele ambiente é bom e que eles vão gostar de brincar com os coleguinhas. A atenção da professora titular é sempre voltada para criança em adaptação, pois é referência para a mesma em sala. Já as auxiliares cuidam do restante da turma que também pedem atenção.



## Considerações finais

Este artigo buscou investigar o processo de adaptação de crianças de 0 a 3 anos de idade, numa Escola de Educação Infantil, da rede privada do município de Osório, com um olhar especial para a relação da professora com a criança a ser adaptada, percebendo as reações das crianças ao convívio escolar e as possíveis razões do choro, muito comum neste período.

O resultado desta pesquisa mostra-nos que o processo de adaptação de uma criança é sim muito 'doloroso', não só para a criança, como para os pais e também para professora que faz a adaptação da criança. Os pais precisam estar muito seguros do que realmente querem (deixar a criança na escola), pois terão que manter firmes e não ceder a 'chantagem' dos pequenos que tentam de todas as maneiras manipula-los. Tanto para a criança, como para o adulto uma situação nova é uma posição incômoda, pois o indivíduo sai da sua zona de conforto. Enfrentar algo desconhecido é sempre uma condição estressante independente da idade.

Apesar de a Educação infantil ter um bom conceito atualmente em nossa sociedade, ainda há insegurança e relutância por parte das famílias em colocar seu filho na escola. (OLIVEIRA, 2001 p.25).

Com um bom trabalho de socialização, a criança à ser adaptada terá o apoio e ajuda entre os demais colegas e professores que tem o papel muito importante, de mediador e facilitador da socialização. Se o professor é dedicado, seus alunos darão o apoio necessário para que aquela nova criança consiga adaptar-se a nova rotina.

Não existe um receituário que mostre passo a passo como agir, mas com perseverança e dedicação pode-se contornar a situação e fazer com que a criança se adapte a aquele mundo totalmente novo para ela e seus pais.

## Referências

BALABAN, Nancy. **O início da vida escolar: da separação à independência**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

BRASIL. MEC/SEF. **Referencial Curricular para Educação Infantil**. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental-Brasília. Volume Introdução. 1998.

CUBERES, Maria Teresa. G. A Educação Infantil: entre as Fraldas e as Letras. **Entre as Fraldas e as Letras**: contribuição à Educação Infantil. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de, et al. **Creches**: crianças, faz-de-conta e cia. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

RAPOPORT, Andrea. **Adaptação de bebês à creche**: a importância da atenção de pais e educadores / Andrea Rapoport. – Porto Alegre: Mediação, 2005.

RIZZO. G. **Creche**: organização, montagem e funcionamento. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2000.

ROSSETTI-FERREIRA, Clotilde; VITÓRIA, Telma. Processo de Adaptação na creche. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, nº 86, p.55-64, ago. 1993.